

por Ananche, é preciso considerar que ela é também a deusa da inevitabilidade, justamente o que coordena o destino, ou Tyche. Assim, como dissemos anteriormente, Ananche é necessidade, mas também destino, ou seja, o inverso de Tyche, que é destino, mas também necessidade. Se, em Tyche, o destino enquanto acaso é incontornável, em Ananche (a necessidade), o que está em jogo é a incontornabilidade do acaso.

Assim, reformular a terminologia era necessidade, mas também uma aventura, ou destino, que rendeu a Saussure, no acaso das suas formulações, a direção, incontornável, para a linguística sincrônica. Houve, então, um deslocamento de Eros, e a linguística histórica deixou de ser prioridade.

CAPÍTULO 5 - LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. (Saussure)

No manuscrito conhecido, em português, como “Essência dupla da linguagem” ou “Ciência da linguagem”, os próprios títulos deixam entrever que não se está diante de uma elaboração saussuriana tal qual se lê no CLG. Na publicação póstuma, há uma clara distinção entre língua, linguagem e fala, colocando a primeira como objeto teórico da linguística. Nesse ponto do nosso trabalho, procuraremos responder qual é a instância desses conceitos no EDL. Embora os títulos denunciem um estado de formulação que não se equipara ao do CLG, talvez as ocasiões de elaboração dos conceitos que apresentamos até agora não fossem indiferentes, para Saussure, a essa distinção entre língua, fala e linguagem, tão complexa e cara à

definição do objeto da linguística⁴⁰.

Retomando a carta de Saussure à Meillet, é literal a sua questão com a terminologia quando ele diz da necessidade de reformulá-la, mas há também um problema maior que ele emenda nessa mesma locução: a necessidade de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral. Essa carta, com data de 1894 grafada pelo próprio Saussure (ao contrário do EDL, no qual a data presumida é 1891), seria, portanto, anterior à elaboração teórica presente nesse manuscrito ou mesmo concomitante a ele, já que o certo é que o manuscrito é posterior a 1891, visto que muito do que está escrito no EDL consta no verso de um convite de casamento datado deste ano.

Contudo, se a relação cronológica entre eles é claudicante, a relação lógica é mais evidente, como temos mostrado ao longo deste trabalho. De fato, no EDL, a questão sobre o objeto da linguística é expressa literalmente, em caixa alta e em posição de título, ao alto da folha e centralizada:

Figura 41 - Reprodução da folha 13 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

NATURE DE L'OBJET
EN LINGUISTIQUE

Fonte: Saussure (1891a, p. 13)

Sendo assim, o que está em questão, nesse manuscrito, é:

40 Sobre essa complexidade, conferir o trabalho de Coelho (219).

Figura 42 - Reprodução da folha 153 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

la valeur entière de notre connaissance)
on s'occupe vraiment d'un objet

Fonte: Saussure (1891a, p. 153)

todo o valor de nosso conhecimento
é se ocupar verdadeiramente de um objeto

Além disso, o próprio CLG, no capítulo “Objeto da Linguística” expressa a íntima relação entre alguns pontos da sua elaboração: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 15). Assim, a reflexão de Saussure sobre os pontos de vista nos estudos da linguagem o permitiram discernir entre a linguística sincrônica e a diacrônica teve efeitos sobre a sua elaboração sobre o próprio objeto da linguística.

Na verdade, essa preocupação com o objeto dos estudos da linguagem já havia aparecido em outro manuscrito de 1891:

Figura 43 - Reprodução da folha 3 do manuscrito *Première conférence à l'Université de Genève* (novembre de 1891), sob a inscrição Ms.Fr. 3951-1

~~Le langage? Mais la parole? c'est
une chose que nous oublions également
parce que le langage ou la langue -
ceci c'est la même chose, ceci n'est rien
d'autre que la généralisation de cela -~~

Fonte: Saussure (1891b, p. 3)

Nesse manuscrito, Saussure se questiona sobre uma ciência dos estudos da linguagem que tivesse um objeto próprio, o qual não se confundisse com o que, embora lhe fosse próximo, não lhe pertencesse. Sob a barra de rasuras na horizontal e na transversal, ele se pergunta: “A linguagem, mas e a fala?”. Um pouco adiante, afirma que linguagem e língua não são senão uma a generalização da outra. Mas as rasuras apontam para a insatisfação do genebrino com as suas colocações nesse momento.

Assim, nos parece pertinente examinar o EDL com o objetivo de saber se esses três termos se encontram no horizonte de elaboração de Saussure e, em caso afirmativo, se há uma hierarquia de interesse ou de nível de elaboração entre eles. Mais ainda, interessa-nos questionar se, no referido manuscrito, os termos granjeiam uma diferenciação entre si e, por fim, se alcançam a categoria de conceito. Tal exame pode nos permitir chegar à gênese de algum desses conceitos na elaboração de Saussure, ou, pelo menos, destacar momentos diferentes da elaboração de Saussure em relação a ele. Por um lado, esse conhecimento pode corroborar o processo epistemológico de construção de um conceito linguístico e, por outro lado, contribui para a historiografia da linguística.

Entretanto, trata-se aqui de acompanhar Saussure nesse seu percurso pelo EDL, no qual, segundo a nossa perspectiva, a desconhecida aventura se faz na sua própria narrativa e por um sujeito totalmente implicado nessa experiência. Vale lembrar que, na perspectiva de Agamben sobre a aventura, “todo homem se encontra preso à aventura, todo homem tem, por isso, a ver com Daimon, Eros, Ananche, Elpis. Esses são os rostos – ou as máscaras – que a aventura – a Tyche – a cada vez lhe apresenta” (AGAMBEN, 2018, p. 61). Nesse sentido, passamos a perscrutar qual é a potência que preside a experiência de Saussure nesse manuscrito quando se

trata do próprio objeto da linguística.

Todavia, é importante saber que, no EDL, o tríptico conceitual língua, linguagem e fala não existe, como dito em capítulo anterior. De certa forma, não encontrar esses conceitos elaborados nesse manuscrito e elencá-los como uma busca mostra a anterioridade do CLG imposta às pesquisas saussurianas. Essa imposição se dá, em primeiro lugar, pela impossibilidade de “desler” um texto. É da ordem do impossível, para um estudante de Letras e mais ainda de linguística (mas não só), resistir a conhecer Saussure. Se ele não chega a ele diretamente pelo CLG, chega pelos seus comentadores ou críticos. Assim, o conhecimento desse tríptico conceitual é ainda maior que o das chamadas “dicotomias” saussurianas. Em segundo lugar, essa distinção é fundante da linguística enquanto ciência, já que é nesse discernimento que se delimita o objeto dessa ciência. Talvez por isso seja impossível passar incólume ao CLG em todas as áreas que se ocupam da língua, da fala ou da linguagem, que, depois dele, não se confundem mais.

Se assim é, se o anacronismo já vem cunhado na questão que se põe ao manuscrito e é assumida enquanto tal, a discussão sobre essa problemática deve passar mais por conhecer os bastidores da cena em que esses conceitos foram enunciados do que em uma busca pelos próprios conceitos. Será esse o nosso caminho, que outros já visitaram em função de outros documentos saussurianos. Por isso, vamos nos deter nesse material, a princípio, para então prosseguir nosso estudo pelo EDL.

Partiremos do princípio enunciado por Milner (2021 [1989], p. 33) de que de maneira geral, uma proposição sempre permite a construção de outras”, ou seja, algumas das elaborações de Saussure nesse manuscrito dão espaço a outras. O postulado enunciado por Milner é ainda mais verdadeiro nesse manuscrito, no qual o elo entre

os conceitos em elaboração está em relação direta com a própria delimitação do objeto da linguística.

Essa perspectiva não é nova, bem sabemos, especialmente em relação a esses três conceitos, língua, linguagem e fala. Em um trabalho com foco em apenas um desses conceitos, a fala, Silveira (2013, p. 55-56) já havia atentado ao fato que “o conceito de fala está no centro de suas [Saussure] preocupações, justamente com o conceito de língua, e, além disso, o conceito de fala está determinantemente ligado aos outros conceitos”.

À vista disso, julgamos pertinente examinar o manuscrito com o objetivo de saber se esses três termos se encontram no horizonte de elaboração de Saussure e questionar se há uma hierarquia de interesse ou de nível de elaboração entre eles, além de analisarmos se, no referido manuscrito, os termos granjeiam uma diferenciação entre si e, por fim, se alcançam à categoria de conceito. Tal exame pode nos permitir chegar à gênese de algum desses conceitos ou, pelo, menos indicar momentos diferentes da elaboração de Saussure em relação a ele. Por um lado, esse conhecimento pode nos informar sobre o processo epistemológico de construção de um conceito linguístico e, por outro lado, contribui para a historiografia da linguística.

O seguinte fragmento ilustra a forma com que Saussure coloca claramente a questão do objeto e a linguagem, que oferece problemas para sua abordagem:

Figura 44 - Reprodução da folha 22 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Celui qui se place devant l'objet complexe
 qu'est le langage pour en faire l'objet
~~de~~ son étude, abordera nécessairement
 cet objet par tel ou tel côté, plus ou
~~moins bien choisi~~, qui ne sera jamais
 tout le langage ~~à la fois~~ en le suppo-
~~sant~~ très bien choisi, et qui peut ~~n'être~~
~~rien de tout pour le au fond pour le~~
~~langage si~~ s'il l'est ~~moins~~ bien choisi
 n'être plus même de l'ordre linguistique
 ou représenter une confusion de points
 de vue inadmissible par la suite.

Fonte: Saussure (1891a, p. 22)

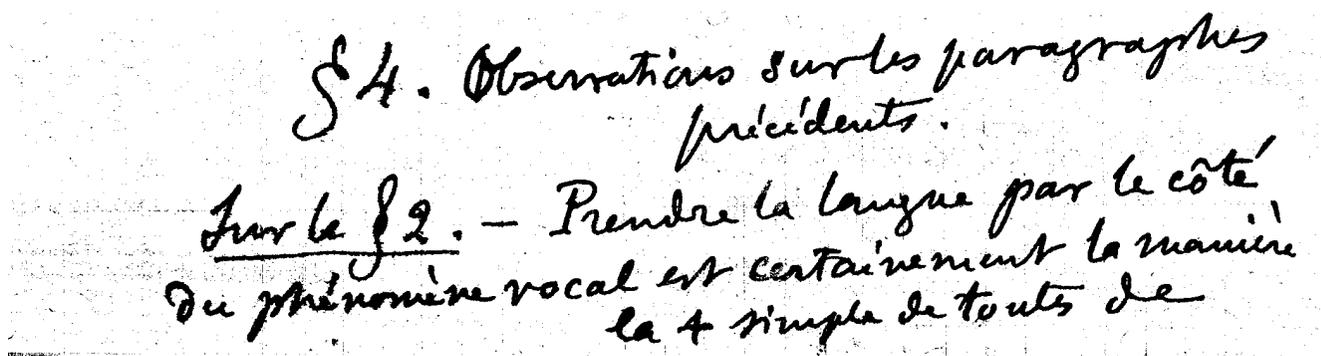
Aquele que se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem para nele fazer o objeto de seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, ~~mais ou~~ menos bem escolhido, que não será jamais toda a linguagem a ~~le xxx~~ se supondo muito bem escolhido, e que pode ~~não~~ ser nada fundamentalmente para a ~~linguagem se se~~ ela não é muito bem escolhida não ser mais mesmo da ordem linguística ou representar uma confusão de pontos de vista inadmissíveis em seguida.

Sabemos que o CLG traz uma passagem semelhante a essa, na qual o genebrino aponta mais de um lado para abordar o

objeto da linguística, no capítulo justamente com esse nome. No entanto, na edição, ele formula uma questão ainda mais complexa, problematizando o objeto da linguística. Porém a resposta que vem a seguir é precisamente uma boa delimitação da língua, da linguagem e da fala, o que não se encontra no EDL. A pergunta, no CLG, que é uma retomada das suas aulas a partir dos cadernos dos alunos, parece puramente pedagógica, enquanto no EDL ela sugere estar de fato a serviço das suas questões.

Em seguida, ele faz algumas considerações a respeito da identidade na morfologia e na ordem vocal, se demorando um pouco mais nesta última. Ele conclui:

Figura 45 - Reprodução da folha 46 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 46)

§ 4. Observações sobre os parágrafos
 precedentes

Sobre o § 2. Tomar a língua pelo lado
 do fenômeno vocal é certamente a maneira
 + simples de todas de

Saussure, nesse fragmento do manuscrito, indica que a língua tem uma relação com o que ele chama de “fenômeno vocal”, mas também parece sugerir que tomar um pelo outro não é a melhor solução. Há uma profusão de termos, no EDL, que estão em correlação

com o “fenômeno vocal”, como “figura vocal”, “fatos vocais” e também “fatos fonéticos”. De maneira geral, eles estabelecem uma diferença com o “som” na língua. Então, ao lado da preocupação com o objeto da linguística, Saussure volve sua atenção à linguagem e à língua, bem como a algo que tem proximidade com a fala.

Figura 46 - Reprodução da folha 94 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

10a③

a fait qu'on lit une écriture con-
 = tamment sans se douter de la forme
 des signes: ainsi la ^{majorité des personnes} ~~plupart des personnes~~
^{intéressés se trouvent} ~~se trouvent~~ très embarrassée de ~~recon-~~
^{de pouvoir} ~~tracer un g~~ ^{tracer un g} ~~imprime~~ ^{imprime} ~~que les~~ ^{charge, lit} ~~tracent tous~~
^{reproduit} ~~les jours~~ ^{quelques} ~~certains~~ ^{de fois} ~~cinquante~~
^{exactement} ~~fois~~ ^{par} ~~mois~~. Le phénomène paraît être
^{très} ~~exactement~~ le même que celui de l'inconscience
 du son des mots en lui-même, et d'une
 manière + générale il ~~est~~ ^{me semble} ~~probable~~
~~que~~ ~~non~~ ~~seulement~~ dans le champ de l'effet
 individuel (= sémiologique), mais aussi
~~soit~~ dans la ~~série~~ ~~de~~ ~~ses~~ ~~phases~~ ~~historiques~~
 perspective historique, les faits relatifs
~~à~~ ~~l'écriture~~, présente l'homologie ~~avec~~
~~face~~ ~~à~~ ~~l'écriture~~ peut-être pour tous les faits
 sans exception qui sont dans le langage une
 mine d'observations int., et de faits
~~complètement~~ ~~homologues~~ ~~non-~~ ~~seulement~~ ~~analogues~~
^{d'un bout} ~~mais~~ ~~complètement~~ ~~homologues~~ ~~à~~ ~~ceux~~ ~~qu'on~~
^{à l'autre} ~~peut~~ ~~discerner~~ ~~de~~ ~~le~~ ~~langage~~ ~~parlé~~.
 Pour l'écriture le son ~~devient~~ ~~le~~ ~~sens~~,
 et le sens est représenté par le son,
 pendant que le son est représenté par
 les traits graphiq.; mais le rapport entre le
 trait graphiq. et le son parlé est le même ^{ult.}
le son parlé est écrit.

Fonte: Saussure (1891a, p. 94)

Essa observação é rasurada e retomada muitas vezes. Nos surpreende o fato de que, na sua reescrita, Saussure não a modifica muito: há certa repetição entre o que está rasurado e o que vem no inciso ou na sequência. Parece-nos que o importante para a elaboração que estamos acompanhando é uma locução empregada por ele nesse fragmento do manuscrito, que se refere à “linguagem falada”. Por último, temos uma variação dessa primeira locução, que trata do “som falado”.

Uma observação dos empregos dos termos língua, linguagem e fala nesses dois fragmentos nos faz perceber que Saussure não toma um pelo outro. Observe-se que não é indicado tomar a “língua” pelo “fenômeno vocal”, no primeiro fragmento, enquanto no segundo ele se refere à “linguagem falada” e ao “som falado”. Não parece um simples deslizamento da nomenclatura, mas uma procura pela elaboração conceitual mesmo, o que demandaria um nome específico. Vale também considerar que, embora a elaboração teórica que ele vinha apresentando nesse manuscrito caminhe na direção de distinguir “som” de “figura vocal”, nem sempre ele é conseqüente com essa formulação. Às vezes, “som” e “linguagem falada” podem coincidir. Mas, nesse, segundo fragmento, já há uma colocação sobre o caráter individual (e também histórico) do que acontece na “linguagem falada”. Seria uma tentativa de pensar o funcionamento da fala?

A diferenciação entre língua e fala, no CLG, é conhecida pela oposição entre o individual e o social no que diz respeito à execução de um idioma e também entre o geral e o particular, no que se refere à abordagem do objeto. É possível encontrar marcas dessa elaboração em alguns pontos do manuscrito, como segue:

Figura 47 - Reprodução da folha 47 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

47. 503. L'aborder, abordage en réalité.
 comme il résulte du § 3 ce n'est pas
 même une manière d'aborder
 or, en admettant ~~impossible~~
 même impossible, il est extrême-
 ment frappant que d'envisager
 il devient ~~impossible~~ impossible de re-
 tourner sur des INDIVIDUS donnés
 pour généraliser ensuite; pu l'on
 contraire il faut commencer par
 généraliser ^{en partant} et l'on voit obtenir
 quelque chose qui trouve lieu de
~~l'individu~~ de ce point ailleurs
 l'individu.

Fonte: Saussure (1891a, p. 47)

abordá-la, a tal ponto que na realidade
 como resultado § 3 o que
 nem é uma maneira de abordá-la
 ora, admitindo esse procedimento
 mesmo esse procedimento, é extrema-
 mente evidente que
 ele é impossível de re-
 fletir sobre os INDIVÍDUOS dados,
 para generalizar em seguida; que ao
 contrário é necessário começar pela
generalização, se se quer obter
 qualquer coisa que faça a vez do
 indivíduo disso que é alhures

o indivíduo.

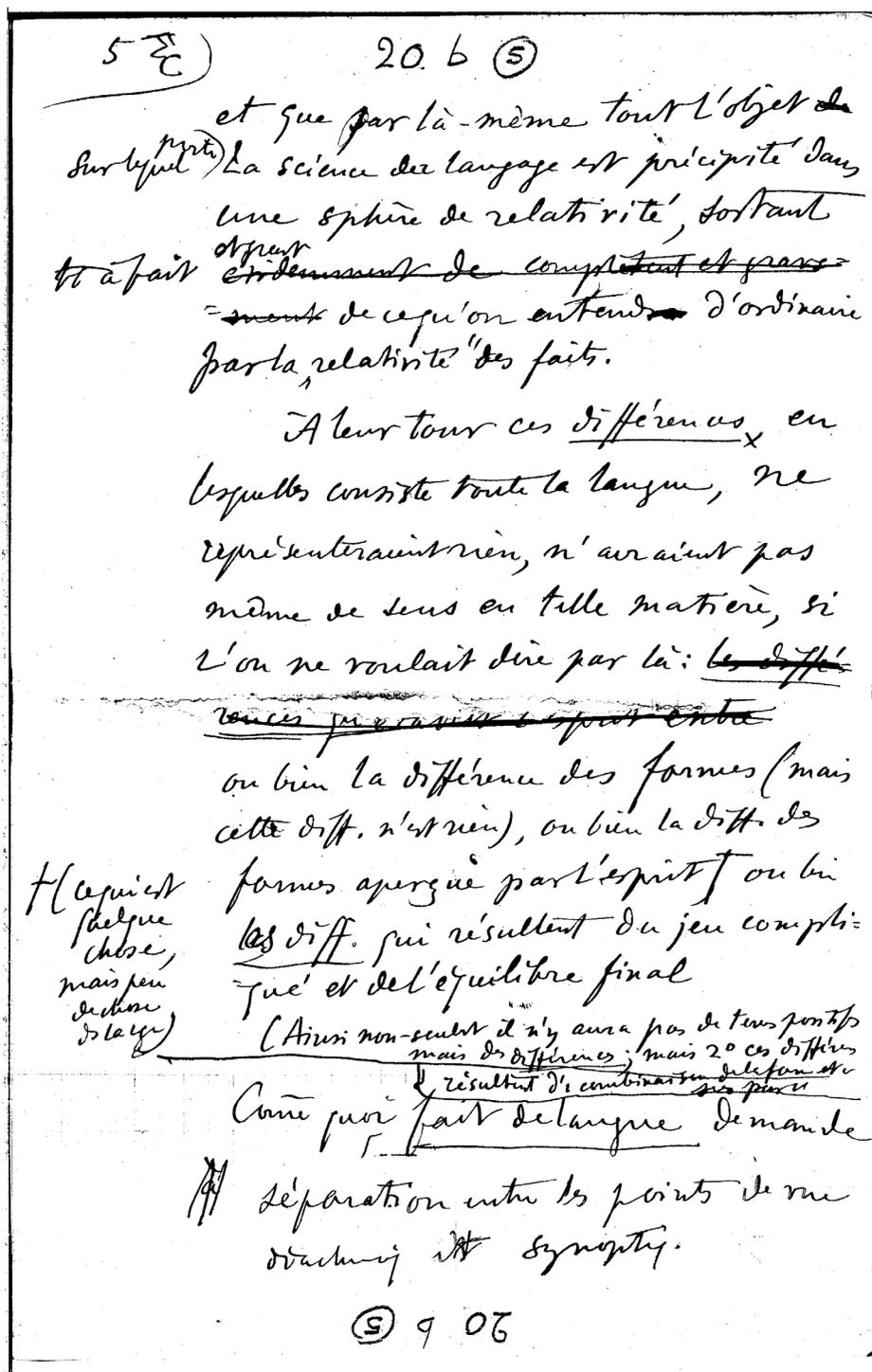
Nesse manuscrito, Saussure utiliza o termo “fala” pouquíssimas vezes. Assim, é digno de destaque o momento em que ele divide a fala em duas categorias: a efetiva (fala real) e a potencial (paralelismo). Essa elaboração, bastante inicial, parece-se muito com o que se recolhe no CLG sobre relações sintagmáticas e associativas. Seria isso um indício da elaboração de um conceito de fala para além do que a recepção de Saussure tem distinguido na maioria das suas interpretações?

No entanto, se, sobre a fala, temos muitos indícios e encaminhamentos menos conclusivos, o mesmo não acontece em relação à língua, que já tem todos os elementos do sistema que fornece o aparato do seu funcionamento, embora nem a terminologia nem a sua fundamentação conceitual esteja fixada como no CLG. A linguagem, por sua vez, não aparenta proximidade com a clássica definição que a toma como heteróclita e multiforme na edição. Porém, à medida que língua e fala começam a ser especificadas, é possível compreender porque o conceito de linguagem representa a amplitude do objeto e não as suas especificações. Saussure começou pelo termo linguagem, mas foi descobrindo um funcionamento que o levava a tal conceituação, que chamou de língua, que, evidentemente, difere de um idioma. Esse conceito, por sua vez, se diferenciava de fala, evidentemente diferente dos sons. Porém, ele enxergava os dois, inicialmente, como sendo da ordem da linguagem.

Se, ao estabelecermos essas diferenças, precisamos ir aos detalhes – entre língua e idioma, entre fala e som – é porque os estudos da linguagem do século XIX demandavam essa diferenciação, que, na linguística pós-saussuriana, parece desnecessária, embora o senso comum não reconheça essas distinções.

Em um ponto já adiantado do manuscrito, Saussure tece uma reflexão na qual é possível surpreender uma asserção bastante explícita sobre a língua, sem nenhum ponto de indiscernimento com a linguagem ou com a fala. Vejamos:

Figura 48 - Reprodução da folha 154 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 154)

e que por isso mesmo todo objeto
sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado em
uma esfera de relatividade, , saindo
absolutamente e gravemente ~~evidentemente de completa~~
~~mente~~ disso que se entende de ordinário
pela “relatividade” dos fatos.
Por sua vez essas diferenças -, as
quais consiste toda a língua, não
representariam nada, não teriam nem
mesmo o sentido em tal questão, se
não quisesse dizer por isso: ~~as dife~~
~~renças que x saber xx espírito entre~~
ou bem a diferença das formas (mas
esta diferença não é nada), ou bem diferença das
formas percebidas pelo espírito (o que é alguma coisa, mas pouca coisa na língua) ou bem
as diferenças que resultam do jogo compli-
cado e do equilíbrio final
(Assim não somente não haverá termos positivos
mas diferenças; mas 2º. essas diferenças

resultam de uma combinação da forma e do sentido percebido

Como o que um fato de língua exige
* separação entre os pontos de vista
diacrônico e sinóptico.

Aqui, parece se tratar mesmo do objeto teórico específico da linguística. Porém, no mesmo fragmento, ele fala da ciência da linguagem, o que, para nós, é no mínimo paradoxal: tomar a língua como objeto da ciência da linguagem.

Também são dignas de destaque as últimas linhas dessa folha, quando Saussure afirma que, de fato, a língua exige uma separação entre os pontos de vista diacrônico e o sinóptico. Notemos que, se o termo “sincrônico” ainda não era usado por Saussure, ele estava em busca de uma terminologia para o que ele chamava até aqui de

“estado de língua”. Além disso, as elaborações se cruzam. À medida que a sua elaboração se aproxima desse “objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem”, também é preciso trazer para a cena a elaboração anterior que remete à sincronia e à diacronia. Certamente, ainda, ao falar da “relatividade” e da “diferença”, ele chama para o objeto as elaborações sobre o signo linguístico e uma teoria do valor embrionária.

Sobretudo, não são poucos os lugares de sua aventura para definir o objeto da linguística que o colocam em situações de muito desamparo entre os termos “língua”, “linguagem” e “fala”. Acompanhem alguns desses excertos do manuscrito:

Figura 49 - Reprodução da folha 183 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

De l'essence 27 ①

(avant-propos), considéré en tant que "en tant que" ... Mais à force de voir que chaque élément du langage et de la parole est autre chose selon ~~les points de vue où on se place~~, il arrive ~~qu'un moment où il est absolument nécessaire de se placer~~ ^{innombrables et variables} les points de vue presque ^{infinis} ou on peut se ~~placer~~ ^{pour} ~~pour l'élucider~~, il arrive un moment où ~~il n'est~~ et où il faut passer à la discussion de ces points de vue eux-mêmes, à la clarification raisonnée qui fixera la valeur respective de chacun.

Fonte: Saussure (1891a, p. 183)

Da essência
 (preâmbulo) considerada enquanto que “... en
 quanto que”... Mas à força de ver que cada
 elemento da linguagem e da fala é outra
 coisa segundo o^{xxx} ponto de vista onde o lugar,
 chega que um momento onde ele é absolutamente
 necessário deva se colocar
 os pontos de vista, quase infinitos inumeráveis e igualmente legítimos, em que se pode
 se colocar para se colocar para considerá-la, chega um momento
 onde ele xxx
 e onde é necessário passar à discussão desses
 pontos de vista, à classificação
 racional que fixará o valor respectivo de
 cada um.

Ao retornar explicitamente à questão da essência, ele volta ao termo “linguagem”, mas também menciona a fala e confessa a dificuldade em classificar um ou outro. Saussure só vê como saída a retomada da questão do ponto de vista.

Mais adiante, a questão se localiza entre língua e linguagem:

Figura 50 - Reprodução da folha 213 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

— Nulle part, dans l'état actuel, on
 ne ^{peut} prononcer le mot de langue, ou
 de langage, sans qu'il y ait ~~équivoque~~
~~entre~~ d'abord à constater l'équivoque
 possible entre langue et transmission
de la langue

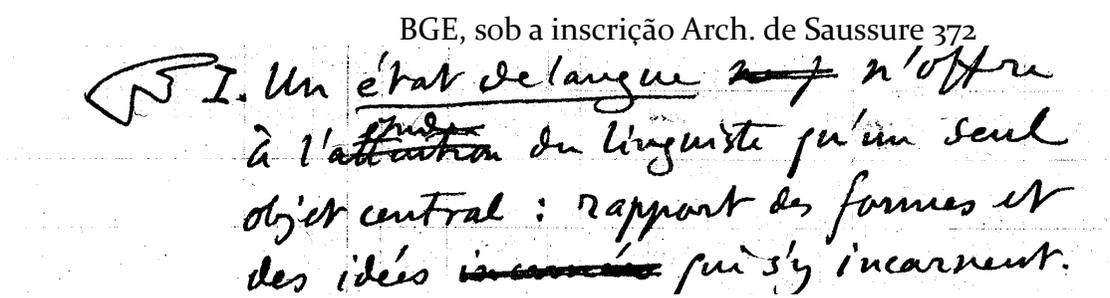
Fonte: Saussure (1891a, p. 213)

- Em nenhuma parte, no estado atual, se pode pronunciar a palavra língua, ou ^a linguagem, sem que se tenha equívoco entre antes constatar o equívoco possível entre língua e transmissão da língua

Observemos que ele traz um tema caro a esse manuscrito, que é a transmissão. Estaria ele falando do fato social da língua, ou da fala, enquanto aquela que permite a transmissão da língua? Esse é um tema que merece tratamento adequado nesse manuscrito, especialmente em relação com outros manuscritos seus que favorecem muito essa discussão.⁴¹

É certo que, nesse manuscrito, ele chega a um ponto de elaboração sobre o “estado de língua” e se aproxima bastante da resposta sobre a “natureza do objeto” que vimos anteriormente, como segue:

Figura 51 - Reprodução da folha 212 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na



Fonte: Saussure (1891a, p. 212)

I. Um estado de língua ~~xxxx~~ oferece à atenção ^{estudo} do linguista um único objeto central: relação das formas e

41 Para um aprofundamento do tema, ver a tese *Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história*, de Henriques (2019).

das ideias ~~xxxxx~~ que nele se encarnam.

A relação no interior desse estado de língua também parece ser um ponto pacífico para Saussure. Os elementos internos, agora chamados de forma e ideia, por fim, “encarnam” o estado de língua que oferece ao linguista o objeto central: as relações. O CLG é lido de diversas maneiras; essa também é uma forma de lê-lo: colocando a teoria do valor no centro das elaborações de Saussure.

Na esteira do manuscrito de Saussure, notamos que ele não conta a sua aventura, a experiência na própria escrita. Como já dissemos, ele não poderia saber o seu final – que a distinção conceitual entre língua, linguagem e fala e o arcabouço teórico que a sustenta renderia à linguística o distintivo de ciência moderna a partir de seu livro póstumo. Na verdade, ele sequer poderia saber, no EDL, que a distinção entre língua, linguagem e fala seria, de fato, realizada. Mas, como vimos no capítulo anterior, em um determinado momento da sua elaboração foi necessário reconhecer o papel da relação entre os elementos desse objeto, a negatividade de cada elemento e a sua natureza diferencial.

Considerando esse reconhecimento de Saussure, podemos supor, anteriormente, que houve o deslocamento de Eros da linguística histórica para a linguística estática (ou sinóptica), como ele nomeia no EDL. Esse deslocamento teve como consequências um ir além, que associamos com Elpis, a esperança, naquilo que ela, no contato com Ananche, implica o desafio ou “uma peripécia cujo êxito é inseparável da possibilidade do engano e da ilusão” (AGAMBEN, 2018, p. 23). Lembremos que Elpis, enquanto esperança, não é boa ou má; longe dessa perspectiva maniqueísta, a ela é um lançar-se ao desconhecido com Eros, ou seja, com amor.

O CLG testemunha os efeitos dessa potência sobre a elaboração

de Saussure. De Mauro (1986b [1967]) oferece-nos uma informação preciosa sobre a apresentação desses conceitos nas aulas de Saussure no início do século XX e a posterior publicação dos mesmos no CLG:

Durante o terceiro curso (S.M. 82, n. 114), na aula de 2 de maio, Saussure aborda o capítulo dois da parte “A língua”: depois de ter tratado o capítulo “A língua separada da linguagem” (SM. 81, n. III), usado pelos editores como base para a introdução do CLG (p. 27 e ss.) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 438).

Os exegetas de Saussure costumam dizer que a distinção entre língua, linguagem e fala é tardia na sua produção. No entanto, os que se detém em muitos dos materiais produzidos pelo linguista sabem que uma preocupação com essas instâncias é característica da obra do genebrino. É famosa, por exemplo, a informação de que Saussure teria anunciado a discussão da linguística da fala para os últimos dos seus cursos em Genebra e que não logrou fazê-lo em função dos problemas de saúde que o levaram à morte. Todavia, os seus manuscritos sobre os anagramas ou as lendas germânicas – que não são considerados do âmbito da linguística geral – trazem informações e elementos importantes da elaboração de Saussure a partir da fala, como é o caso das suas pesquisas sobre o lituano.

Sem dúvida, a questão da distinção entre esses termos que especifica conceitos linguísticos independentes (apesar de relacionados) é bastante complexa, inclusive no campo da recepção da produção saussuriana, ou, mais especificamente, do CLG. Algumas consequências se recolhem no campo da linguística, entre elas a distribuição desses termos e os respectivos conceitos na variedade das línguas. Nem todas têm os três termos distintos em posição de acolher as três conceituações. Às vezes, elas têm muito mais do que três. Porém a distinção entre eles não favorece o rigor conceitual,

como é o caso da língua inglesa, por exemplo⁴².

Finalizaremos este, que é o nosso último capítulo, com a imagem e a transcrição de uma página desse manuscrito, que apresenta, justamente, a complexidade das elaborações de Saussure nessa aventura que passa pelo tríptico conceitual língua, linguagem e fala. Nessa folha do seu manuscrito depreendemos, principalmente, os seus momentos de incertezas, que abrem, frequentemente, a possibilidade de questões produtivas. Além de tudo, a folha acaba, mas a escrita de Saussure não- ela se interrompe no meio da frase, indicando que há mais a se dizer, que nada está terminado. Fiquemos com ela:

Figura 52 - Reprodução da folha 215 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Faut-il dire notre pensée *langues*
^{infin} ~~proche~~? Il est à craindre qu'~~elle~~,
~~car nous ne voulions pas absolument~~
~~selon nos Hoffmann~~, que la rue exacte de ce
 qu'est la langue ne conduise à ~~débâcle~~
 douter de l'avenir, ~~de la~~
 linguistique ~~est~~ de la mission
 féconde de la linguistique. Il y a
 disproportion entre ~~les~~ la complication
~~des~~ ~~comme~~ science. Il y a dispropor-
 tion, pour cette science, entre la somme
 d'opérations nécessaires pour saisir
^{la vérité} ~~scientifiquement~~ l'objet, et l'importance
 de l'objet: de même qu'il y aurait
 disproportion à ~~toute~~ une théorie
~~qui voudrait~~ vouloir faire ~~l'histoire~~ la descrip-
 tion de l'histoire des actions d'une façon
 vouloir formuler rationnelle ~~la~~
 entre ~~la~~ la recherche de
 ce qui se passe pendant une partie
 de jeu et l'.

Fonte: Saussure (1891a, p. 215)

42 Ver a tese *Saussure: A escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala*, de Lima (2014).

E preciso revelar nosso pensamento o ~~mais~~
~~sincero~~^{íntimo}? É de se acatar ~~que nós,~~
~~embora nós não queiramos~~^{certamente} ~~absolutamente~~
~~xxx~~ afirmar, que a visão exata do
que é a língua não leva a ~~xxxx~~
duvidar do futuro, ~~como da~~
~~linguística xxxxx~~ e da missão
fecunda da linguística, Há
desproporção entre ~~xxx~~ a complicação
~~de~~ ~~como~~ ciência. Há despropor-
ção, para esta ciência, entre a soma
de operações necessárias para delimitar
~~racionalmente~~ cientificamente o objeto, e a importância
do objeto: assim como haveria
desproporção a ~~toda~~ ~~uma~~ ~~teoria~~
~~racional~~ ~~querer~~ ~~fazer~~ ~~a~~ ~~história~~ ~~da~~ ~~descri-~~
~~ção~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~história~~ ~~das~~ ~~árvores~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~floresta~~
~~querer~~ ~~formular~~ ~~racionalmente~~ ~~aa~~ ~~xxxxx~~
entre ~~xxxxx~~ a pesquisa ^{científica} do
que se passa durante uma partida
de jogo e o